Domingo XXXII (C) do Tempo Comum

Evangelho (*Lc* 20,27-38): Aproximaram-se de Jesus alguns saduceus, os quais negam a ressurreição (…). Respondeu-lhes: «(…) Que os mortos ressuscitam, também foi mostrado por Moisés, na passagem da sarça ardente, quando chama o Senhor de 'Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó'. Ele é Deus não de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para ele».

Vida eterna: "Eu hei-de ver-vos de novo; e o vosso coração alegrar-se-á e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria"

REDAÇÃO evangeli.net (elaborado com base nos textos de Bento XVI)
(Città del Vaticano, Vaticano)

Hoje, de certo modo, desejamos a própria vida, a vida verdadeira, que depois não seja tocada sequer pela morte; mas, ao mesmo tempo, não conhecemos aquilo para que nos sentimos impelidos.

Esta "coisa" desconhecida é a verdadeira "esperança" que nos impele e o facto de nos ser desconhecida é, ao mesmo tempo, a causa de todas as ansiedades. A palavra "vida eterna" procura dar um nome a esta desconhecida realidade conhecida. A única possibilidade que temos é procurar sair, com o pensamento, da temporalidade de que somos prisioneiros e, de alguma forma, conjecturar que a eternidade não seja uma sucessão contínua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação, onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo —o antes e o depois— já não existe.

—Assim o exprime Jesus, no Evangelho de João: "Eu hei-de ver-vos de novo; e o vosso coração alegrar-se-á e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria".